ISSN 2179-8745

Boletim de Comércio Exterior da Bahia Dezembro 2025

publicações SEI

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Dezembro 2025, 3

Importações, 9

Apêndice A – Dezembro 2025

Tabela I – Balança comercial – Brasil
Tabela II – Balança comercial – Bahia
Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Dezembro 2025

Tabela I – Balança comercial – Brasil
Tabela II – Balança comercial – Bahia
Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados

SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Governo do Estado Bahia – Secretaria do Planejamento

Governo do Estado da Bahia
Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento
Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística
Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural
Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica
Arthur Souza Cruz Junior
Kailan Matos Pereira (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações
Marìlia Reis

Editoria-Geral
Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial
Editoria de Arte
Projeto Gráfico
Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica
2Designers

Editoração
Alderlan Oliveira

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Avenida, 435, CAB
Salvador (BA) • Cep: 41.745-002
Tel.: (71) 3115 4733
www.sei.ba.gov.br • sei@sei.ba.gov.br

Sob um cenário internacional adverso, as exportações baianas somaram US$ 11,52 bilhões[1] em 2025, com queda de 3,2% em relação ao ano anterior. As importações, por sua vez, somaram US$ 9,31 bilhões, também acusando recuo de 12,8%. O saldo comercial no período foi positivo em US$ 2,21 bilhões.

O desempenho negativo das vendas externas foi puxado pela queda de 5,4% nos preços médios dos produtos exportados pelo estado, resultado da nova realidade global marcada por incertezas sem precedentes após tarifaço dos EUA a diversos países, com a consequente desaceleração do crescimento econômico global, o que gerou redução dos preços das *commodities*, perfil predominante da pauta estadual.

As vendas externas baianas no ano estiveram condicionadas à evolução da demanda global e ao comportamento recorde da safra agrícola, em um ambiente de exportações menos disseminadas, fruto do aumento das incertezas no cenário econômico externo, causadas pela política comercial americana e a guerra comercial com a China, o que levou os agentes econômicos a reduzirem investimentos e consumo.

Ainda assim, o volume embarcado (*quantum*) reagiu no último trimestre, fechando o ano com aumento de 2,3% no comparativo interanual, sendo, entretanto, insuficiente para compensar a desvalorização dos preços. Esse crescimento se deveu à expansão da safra agrícola e ao aumento dos embarques para a China em 2,4%, principalmente de soja, que teve aumento de 10,1% nos embarques para o país devido ao boicote chinês à soja americana.

Além do recuo nos preços médios em relação ao ano anterior, a valorização do real frente ao dólar, o tarifaço imposto pelo governo americano – que chegou a 50%, envolvendo diversos produtos da pauta, durando aproximadamente quatro meses – e o aumento de custos de produção pressionaram os exportadores.

No ano, as exportações da indústria de transformação caíram 6,0% em valor, alcançando o montante de US$ 6,8 bilhões, influenciado pela redução de preços no setor de derivados de petróleo, químicos, papel e celulose e produtos metalúrgicos, como também pela redução em 1,3% no volume embarcado.

Já os bens agropecuários cresceram 1,1% em volume e 1,2% em valor, com destaque para o aumento dos embarques de soja e seus derivados, que alcançaram o recorde de 6,98 milhões de toneladas e crescimento de 2,3% ante 2024. Com a redução média em seus preços em 8,7%, suas receitas ficaram inferiores em 6,6% no ano, não impedindo o recorde em receitas (US$ 2,77 bilhões).

O algodão atingiu também valor e volume recorde (US$ 935,8 milhões e 590,2 milhões de toneladas), com crescimento de 6,1% e 20,4%, respectivamente, em relação ao ano anterior. Também foram recordes as receitas obtidas com as vendas de cacau e derivados (US$ 549,3 mi) e do café e especiarias (US$ 493,8 mi), todos os dois segmentos beneficiados pelo aumento dos seus preços no mercado internacional.

A indústria extrativa também registrou aumento de 1,1% no valor exportado, ainda que não acompanhado pela valorização de preços. O aumento de 66,0% no volume embarcado, principalmente de minério de ferro (+864,0%), magnesita (+10,6%) e minério de níquel (+5,8%), respondeu pelo expressivo aumento dos embarques do setor.

A China, como de costume, manteve-se na liderança absoluta entre os destinos dos embarques baianos, responsável por mais de um quarto – 28,4% – das vendas externas baianas em 2025 (US$ 3,27 bilhões). Os embarques para o país asiático tiveram crescimento de 11,1%, mas, por conta da queda dos preços, encerraram o ano com redução de 2,8% no valor exportado.

As exportações baianas para os EUA caíram 7,1% em 2025, para US$ 819,4 milhões, muito por conta do tarifaço. Houve queda nas vendas de pneumáticos, frutas, produtos químicos, minerais, pescados e calçados, todos atingidos pelo tarifaço, dentre os mais importantes. O volume embarcado total para o país, entretanto, registrou aumento de 15,7%, graças ao aumento do *quantum* de produtos não afetados pelo tarifaço aplicado em julho, como celulose e derivados de petróleo.

1 Dados provisórios, sujeitos a revisão.

Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-dez. 2024/Jan.-dez. 2025

(Valores em US$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %
Exportações	11.902.089	11.516.970	-3,24
Importações	10.675.132	9.311.068	-12,78
Saldo	1.226.957	2.205.902	79,79
Corrente de comércio	22.577.221	20.828.038	-7,75

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jan. 2026, http://comexstat.mdic.gov.br.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

O ano de 2025 foi um ano em que tudo mudou – e, de certa forma, nada mudou. Os Estados Unidos aumentaram as tarifas de importação para o nível mais alto em quase um século, a China retaliou e a incerteza política no mundo se intensificou. Ainda assim, a projeção de crescimento mundial é de 3,2%, exatamente o que os analistas previam um ano antes, quando nenhuma dessas turbulências estava à vista. Mas seria um erro achar que a economia mundial não é afetada pelas disputas em torno das tarifas e pelo caos das políticas.

Então, por que o mundo ainda não sentiu o impacto das tarifas? Parte da resposta está no fato de que as alíquotas reais das tarifas de importação são cerca de metade do que os EUA anunciaram, graças a um sem-número de isenções. Mesmo assim, uma alíquota de 14,0% continua a ser uma escalada significativa, cujas consequências foram compensadas por dois fatores.

O primeiro é que os gastos na área da inteligência artificial e a forte alta do mercado de ações motivada pelo otimismo sobre a IA sustentaram o crescimento dos EUA e estimularam economias como as de Taiwan e da Coreia do Sul, que exportam mercadorias relacionadas à IA. O segundo é que a política fiscal tem sido mais expansionista, não só nos EUA, mas ainda mais na Alemanha e na China. Essas forças mascararam o impacto negativo das tarifas americanas e da retaliação chinesa. Elas também fizeram com que 2025 parecesse muito mais estável do que realmente foi.

Esses fatos também são destacados pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), evidenciando que políticas macroeconômicas de apoio, condições financeiras melhoradas impulsionadas pelo otimismo sobre o impacto potencial de novas tecnologias e o aumento do investimento e comércio habilitados por inteligência artificial (IA) ajudaram a sustentar a demanda em diferentes graus entre as economias, "amortecendo os ventos contrários da elevada incerteza política e das crescentes barreiras ao comércio.

Entretanto, a economia mundial está mais frágil do que seus principais indicadores sugerem, a começar pela fragilidade no setor da IA. Os investidores finalmente começaram a questionar a disparidade entre as avaliações extremamente altas dos grupos de IA e seus retornos reais. Com a pressão competitiva, tanto a que é fácil de identificar como a que não é tão aparente, o risco de uma correção é real.

Apesar das tarifas de Trump, a projeção de crescimento para a economia mundial é de 3,2%, exatamente o que os analistas previam antes da turbulência. A lição é simples: danos estruturais se revelam de forma lenta e sempre tarde demais para serem revertidos.

Ao mesmo tempo, a tão celebrada "resiliência" às tarifas é profundamente enganosa. As tarifas têm sido dispendiosas, em especial para os americanos. Cerca de 95% dos custos com as tarifas foram absorvidos pelas empresas americanas e apenas uma pequena parcela foi repassada aos consumidores.

Essa "pequena parcela" é importante: as tarifas sozinhas acrescentaram 0,7 ponto porcentual à inflação. Sem elas, a inflação poderia ter ficado em 2% este ano – a meta exata do Federal Reserve (FED, o banco central dos EUA). Em vez disso, as tarifas deixaram a família americana típica mais pobre em US$ 600.

Os danos causados pelas tarifas de importação se tornarão mais visíveis em 2026, à medida que a resiliência proporcionada pelas compras antecipadas de produtos do exterior se esgotar e as empresas repassarem uma parcela maior dos custos para os consumidores.

A China apresentou o melhor resultado econômico de 2025 entre as maiores economias. O crescimento do PIB chinês atingiu 5,2% ante os nove meses do ano passado, segundo informações do Departamento Nacional de Estatísticas da China Nacional Bureau of Statistics (NBS).

Por toda via, o crescimento estimado é de 4,9% em 2025 e deve desacelerar para alta de 4,6% em 2026, de acordo com o relatório Situação e Perspectivas da Economia Mundial de 2026, da ONU. O ritmo começou a perder

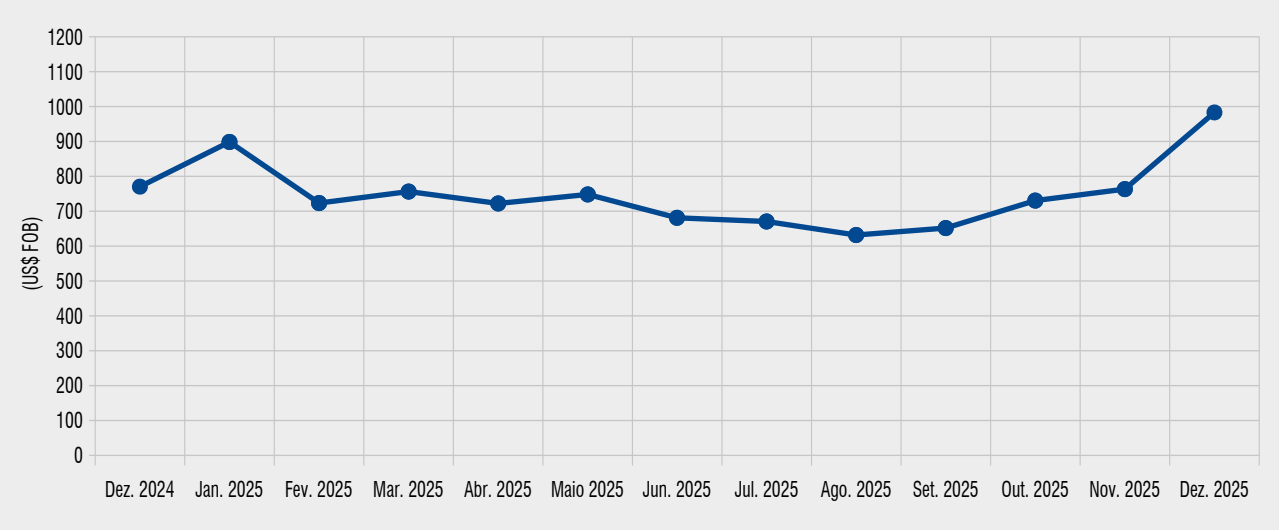
fôlego justo a partir de setembro, antes do aumento das tarifas americanas e contração do setor imobiliário.

Além disso, a dependência persistente das exportações como motor do crescimento é insustentável, e o novo plano quinquenal de Pequim, que dá prioridade à destinação de recursos para os setores de tecnologia e não a fortalecer as redes de proteção social e a estimular o consumo, corre o risco de aprofundar desequilíbrios estruturais.

A Europa, por sua vez, tem agido com maturidade ao defender um sistema mundial baseado em regras, mas ainda precisa implementar reformas internas para o próprio benefício. O bloco precisa aprofundar seu mercado único, aumentar a produtividade e se posicionar como um destino atraente para o capital internacional que busca diversificação. O acordo com o Mercosul, se não for postergado, pode ser um passo nessa direção, na tentativa de forma discreta e gradual de se desacoplar da infraestrutura dos EUA.

A realidade é que 2025 foi um ano em que tudo mudou. A questão agora é se 2026 será o ano de correção de rota. Existe uma oportunidade: os EUA estão na presidência do G20, e a França na do G7. Juntos, eles podem incentivar ações para restaurar a estabilidade em um sistema mundial incerto e cada vez mais fragmentado. Embora difícil, é possível evitar o caos antes que o padrão de vida em todo o mundo venha a cair e as políticas voltadas para a situação interna, que hoje têm grande apoio popular, se tornem impopulares e tudo seja tarde demais.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Dez. 2024-Dez. 2025



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 8 jan. 2026.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Com a melhora recente dos preços das *commodities*, no quarto trimestre, foi possível, no acumulado do ano, uma continuidade das exportações no seu atual patamar (aumento de 2,3% em volume), apesar do aumento das barreiras ao comércio mundial.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em dezembro oscilaram positivamente em relação a novembro, em 28,8%, superando inclusive os preços médios do mesmo mês de 2024, em27,7%. Ainda assim, no acumulado do ano, os preços médios dos produtos exportados pelo estado ficaram 5,4% inferiores aos do ano anterior.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-dez. 2024/Jan.-dez. 2025

(Valores em US$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2024	2025		2024	2025			
Soja e Derivados	6.823.244	6.979.204	2,29	2.969.881	2.773.899	-6,60	24,09	-8,69
Petróleo e Derivados	3.997.276	3.734.725	-6,57	2.315.258	1.832.827	-20,84	15,91	-15,27
Papel e Celulose	2.996.141	3.098.640	3,42	1.506.771	1.352.153	-10,26	11,74	-13,23
Metais Preciosos	766	695	-9,22	769.286	1.099.415	42,91	9,55	57,42
Algodão e seus Subprodutos	489.967	590.175	20,45	881.964	935.814	6,11	8,13	-11,91
Minerais	599.130	994.637	66,01	691.097	683.610	-1,08	5,94	-40,42
Químicos e Petroquímicos	612.851	535.527	-12,62	852.384	667.859	-21,65	5,80	-10,33
Cacau e Derivados	45.975	46.681	1,54	434.060	549.347	26,56	4,77	24,65
Café e Especiarias	90.819	84.223	-7,26	330.347	493.830	49,49	4,29	61,20
Frutas e suas Preparações	186.916	213.547	14,25	268.467	261.343	-2,65	2,27	-14,79
Metalúrgicos	153.364	180.958	17,99	229.662	222.880	-2,95	1,94	-17,75
Borracha e suas Obras	32.046	29.787	-7,05	183.944	171.150	-6,96	1,49	0,10
Sisal e Derivados	52.484	63.394	20,79	65.689	84.662	28,88	0,74	6,70
Calçados e suas Partes	2.287	2.314	1,18	83.014	72.478	-12,69	0,63	-13,71
Couros e Peles	20.326	37.915	86,53	51.041	52.563	2,98	0,46	-44,79
Carne e Miudezas Comestíveis	9.391	11.016	17,30	33.445	47.078	40,76	0,41	20,00
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	5.645	2.298	-59,29	62.822	31.831	-49,33	0,28	24,47
Fumo e Derivados	1.108	1.052	-5,00	26.177	27.502	5,06	0,24	10,59
Milho e Derivados	213.858	92.833	-56,59	43.886	19.853	-54,76	0,17	4,21
Demais Segmentos	118.700	123.433	3,99	102.880	136.874	33,04	1,19	27,94
Total	**16.452.296**	**16.823.054**	**2,25**	**11.902.089**	**11.516.970**	**-3,24**	**100,00**	**-5,37**

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jan. 2026, http://comexstat.mdic.gov.br.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

O setor de soja e derivados, em função da expansão da safra, teve aumento nos seus embarques no ano em 2,3%, e queda de 6,6% no valor em função da queda em seus preços médios em 8,7%. Tanto o volume de embarques como a receita com o setor foram recordes históricos.

Desde novembro,a procura por soja americana da safra 2025/2026 enfim começou a ganhar tração, o que puxou para cima as cotações do grão na bolsa de Chicago. A cotação média dos contratos de segunda posição de entrega, normalmente os mais líquidos, subiu 7,8% no mês passado, para US$ 11,3499 o *bushel*.

O encontro entre os presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, e da China, Xi Jinping, que ocorreu no fim de outubro, ajudou a destravar os embarques de soja americana ao mercado chinês, o que deu impulso às negociações da oleaginosa no mercado futuro. Os EUA estavam sem conseguir enviar navios com carregamentos de soja para a China desde setembro.

A China acertou em novembro a compra de 4 milhões de toneladas de soja dos Estados Unidos. O governo americano estabeleceu a meta de negociar 12 milhões (t) com os chineses ainda em 2025.

As compras de soja que aconteceram foram uma estratégia política, para atender o desejo de Trump, e não por necessidade da China. O mercado acha difícil acreditar que a China irá mesmo comprar as 12 milhões de toneladas, já que a soja brasileira ainda é mais competitiva que a americana, sobre a qual a China continua cobrando 13% de tarifa de importação. Além disso, a margem das esmagadoras chinesas privadas segue negativa, o que reforça que essa demanda está vindo das estatais.

Para 2026, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a soja, principal cultura agrícola, deverá, mais uma vez, puxar a produção agrícola do estado e do país. Ainda assim, segundo prognóstico do órgão, para a safra 2026, o estado terá uma produção 4,7% menor de grãos, impactada pelo menor rendimento médio da soja, visto que, estima-se que as áreas de cultivo da oleaginosa devem apresentar um ritmo lento de crescimento, motivado pelos preços da *commodity* que ainda vem sendo comercializada em patamares abaixo do esperado pelos produtores.

Em 2025, a China foi o destino de 66,4% das exportações baianas de soja e derivados; no ano anterior, a fatia chinesa foi de 60,1%.

As exportações de derivados de petróleo ocuparam o segundo lugar na pauta, com vendas de US$ 1,83 bilhão, 20,8% menor que em 2024. O volume de embarques também foi inferior em 6,6% no comparativo com o ano anterior. Já os preços médios oscilaram negativamente em 15,3%.No ano passado, o setor representou aproximadamente 16% da pauta exportadora.

Assim como em 2025, nesse contexto de incertezas, o petróleo deve ter mais um ano de queda de preços. Em 31 de dezembro de 2025, o barril do tipo Brent, principal referência internacional, situou-se em US$ 60,49, queda de 18,52% ante um ano antes. No fim de dezembro de 2024, o Brent havia ficado em US$ 74,24. Na média de 2025, o preço médio do barril foi de US$ 67,54, 14,78% abaixo da média do ano anterior, de US$ 79,26.

Para 2026, projeções de bancos e analistas apontam para um Brent entre US$ 59 e US$ 62. O J.P. Morgan, por exemplo, estima cotação de US$ 62 em 2026, contra os US$ 65 de estimativas anteriores. Porém, já existe quem veja o Brent a US$ 55.

O segmento de papel e celulose fechou o ano com vendas de US$ 1,35 bilhão, 10,3% abaixo do ano anterior. O volume exportado aumentou 3,4% frente a 2025, enquanto que os preços médios tiveram recuo de 13,2% no comparativo anual.

Após um começo de ano melhor do que o esperado, os preços da celulose de fibra curta (BHKP) na China – mercado de referência para a *commodity* – tiveram forte recuo em 2025, pressionados pela entrada de novos volumes e pelo anúncio de tarifas comerciais pelos Estados Unidos. A partir de agosto, ela iniciou um ciclo de recuperação, com os preços chegando a US$ 540 por tonelada no fim do ano.

Esse movimento deve se estender ao longo deste ano, afirmam analistas. Mas a persistência de incertezas sobre oferta e demanda levou à revisão do preço médio anual para 2026. No primeiro semestre de 2025, a estimativa para este ano era superior a US$ 600 a tonelada. Com as revisões feitas ao longo do segundo semestre, a previsão passou a ser menor, de cerca de US$ 570 por tonelada, em média.

Apesar de não haver a entrada de novas fábricas, já é esperado um aumento na produção global de celulose, especialmente no Brasil e na China, que deve continuar pressionando os preços em 2026. Embora o tarifaço tenha gerado instabilidade no comércio global, em 2025, a entrada de novos volumes no mercado foi a principal explicação para o cenário desafiador de preços observado no ano passado.

Os metais preciosos ocuparam a quarta posição entre os maiores setores da pauta de exportação baiana em 2025, com vendas de US$1,1 bilhão, 42,9% acima do ano anterior. Isso se deve ao aumento dos preços do ouro. O metal ultrapassou os US$ 4.000 por onça pela primeira vez em outubro, estendendo uma alta que elevou os preços em quase 58% no comparativo anual.

O algodão, que teve embarque recorde (590,2 mil t), com crescimento de 20,4% sobre 2024, também obteve receitas recordes de US$ 935,8 milhões, 6,1% maiores que o ano anterior, mesmo com preços aproximadamente 12,0% menores.

A Bahia aumentou o volume de exportação mesmo em um cenário econômico desfavorável. Por ser considerado um item de segunda necessidade, o consumo de algodão no mundo tende a perder força em momentos de juros e inflação mais elevados.

Não há, a curto prazo, indícios da demanda crescer mundialmente, mas o que está acontecendo é que o Brasil e a Bahia, segundo maior produtor nacional, estão ganhando mercado em cima de outros países, seja porque eles deixaram de produzir ou por estarem carregando estoques.

A Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (Anea) previu mais um ano de bom desempenho nas exportações. A projeção da entidade está em linha com a divulgada recentemente pelo Departamento de Agricultura dos EUA (USDA). O órgão americano previu que o Brasil embarcará 3,16 milhões de toneladas da pluma em 2026.

Segundo o IBGE, a Bahia terá perda de produção em 2026, que reflete o momento desafiador da rentabilidade da cultura, devido aos atuais patamares de preços e ao custo de produção mais elevado.

As importações alcançaram US$ 9,31 bilhões em 2025, com queda de 12,8% no comparativo interanual. Com isso, a corrente de comércio do estado somou US$ 20,83 bilhões, 7,8% inferior ao ano passado.

Diferentemente do que se esperava no início do ano, e na contramão do que ocorreu nacionalmente, as importações baianas recuaram, no ano, impactadas pela queda nas compras de combustíveis (petróleo cru, nafta, querosene e óleo diesel), que fecharam o acumulado do ano com queda de 41,7%, sendo a única categoria a apresentar queda no ano. O setor de bens intermediários, majoritário na pauta – 57,0% de participação das compras em 2025 – seguiu estável, com crescimento de 0,52%, acompanhando o ritmo lento do crescimento da produção industrial (1,0% até outubro), ditado pelo desempenho da indústria do refino e petroquímica.

As compras de bens de capital cresceram aproximadamente 60,0%, estando relacionadas a uma maior demanda local por equipamentos em investimentos de infraestrutura e industriais de longo prazo. Já as compras de bens de consumo explodiram (US$ 445 milhões), alcançando aumento de 175,2%, impulsionadas pela importação de veículos, calçados, principalmente os esportivos, bacalhau, azeite e vinhos.

As compras externas seguiram em 2025 com os EUA na liderança, com 28,4% de participação, mas com desembolsos em queda de 6,8% se comparadas ao ano de 2024. A destacar as compras da China, que já se posiciona como segundo maior país fornecedor ao estado em 2025, com desembolsos de US$ 1,6 bilhão, 58,4% superior ao ano anterior (veículos, fertilizantes, células fotovoltaicas, máquinas e equipamentos). O terceiro maior fornecedor foi a Costa do Marfim (US$ 551 milhões), essencialmente de cacau em grão, cujos preços continuaram elevados em 2025, em função de problemas climáticos nos principais países produtores

As compras com origem da Rússia caíram 50,4% ante 2024, com menores desembarques de diesel e nafta. Já para os fertilizantes, o país segue como principal fornecedor ao estado, com desembolsos no ano de US$ 230,7 milhões e crescimento de 2,3% no comparativo interanual.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-dez. 2024/Jan.-dez. 2025

(Valores em US$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	5.285.885	5.313.397	0,52	57,07
Combustíveis e lubrificantes	4.732.826	2.757.897	-41,73	29,62
Bens de capital (BK)	493.836	789.500	59,87	8,48
Bens de consumo (BC)	161.674	444.865	175,16	4,78
Bens não especificados anteriormente	911	5.410	493,60	0,06
Total	**10.675.132**	**9.311.068**	**-12,78**	**100,00**

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jan. 2026, http://comexstat.mdic.gov.br.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI)
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Com os resultados apurados em 2025, o saldo comercial da Bahia atingiu US$ 2,2 bilhões, aumento de 79,8% no comparativo anual. A corrente de comércio, soma de exportações e importações, alcançou US$ 20,83 bilhões, com uma redução de 7,8%.

SEI
SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO